

O Sentido da Melancolia na Perspectiva da Psicanálise

Arnaldo Nepomoceno das Neves ¹

Bruno Braga Plinta ²

Franciana Figueiredo dos Santos ³

1 Introdução

A melancolia, no aspecto psicanalítico clássico, refere-se a um estado emocional marcado por intensa tristeza, abatimento e uma intensa sensação de perda. Sigmund Freud foi um dos pioneiros a estudar a melancolia, distinguindo-a do luto comum. Na melancolia, o sujeito sente uma profunda identificação introjetiva com o objeto perdido. Isso significa que o indivíduo não apenas sente a perda de algo ou algo significativo externo, mas internaliza esse objeto e desenvolve uma desordem interna entre amor e ódio em relação a ele.

A autoacusação e a auto-recriminação são características proeminentes da melancolia, com o sujeito dirigindo sentimentos negativos intensos para si mesmo. A melancolia representa uma condição psicológica rica e multifacetada que provoca nossa compreensão e ecoa profundamente com a experiência humana. A psicanálise oferece uma lente única para investigar as origens e os mecanismos psicológicos subjacentes à melancolia, destacando a importância da introspecção, da autoaceitação e da relação terapêutica na jornada rumo à restauração do equilíbrio psíquico.

Desde os primórdios dos tempos, a melancolia toma formas e nomes diferentes, sendo tema de estudos científicos. A melancolia como sinônimo do furor dos alienados, da acedia dos monges, da genialidade na Renascença, da tristeza no Romantismo e atualmente tratada como depressão por psiquiatras e psicólogos. Pringent (2005), destaca a natureza multifacetada da melancolia ao longo da história, mostrando como essa condição foi interpretada e representada de maneiras diversas em diferentes épocas e contextos culturais.

2 Material e Métodos

O processo de pesquisa foi norteado pela lente teórica da abordagem psicanalítica, e seu processo de elaboração se fundamenta na revisão bibliográfica do tipo narrativa, qualitativa. A revisão de literatura ou revisão bibliográfica tem como objetivo explicar uma situação problema e analisar as possibilidades existentes na literatura consultada para assim construir um referencial teórico da pesquisa (Alves Mazzotti, 2002).

Para realizar a pesquisa dos artigos se fez uso do método de operadores booleanos AND, OR, NOT, que possibilitam relacionar as palavras ou grupos de palavras, com intuito de aprimorar a pesquisa nas bases de dados das seguintes ferramentas de busca como Google Acadêmico e a Biblioteca *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

A pesquisa realizada consistiu em uma análise bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, centrada no tema da melancolia e sua relação com a psicanálise. Foram consultados livros, dissertações e artigos científicos. A pesquisa é um método formado de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Para Gil (2007) “Procedimento formal e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

3 Resultados e Discussão

No século XIX a melancolia se tornou uma patologia dominante, como a depressão hoje se apresenta como uma expressão de mal-estar, manifestando-se na forma de sofrimento psicológico. Birman (2007) ressalta a transição da melancolia de uma condição predominantemente cultural e filosófica para uma patologia clínica dominante, especialmente durante o século XIX. Essa mudança reflete uma transformação na maneira como a melancolia foi compreendida e tratada pela sociedade e pela medicina.

Freud (1917[1915]/2006) destaca sua abordagem em relação à mania e à depressão, preferindo associá-las a destinos subjetivos distintos. Freud

abordou a mania e a depressão, optando por não as associa-las, mas as entende-las como expressões de destinos subjetivos diferentes. Freud (1917[1915]/2006), contrariando outros escritores que associam melancolia e memória, entendia a melancolia como uma psicose narcísica.

Freud (1895/1996c), reforça sua compreensão do afeto correspondente à melancolia como sendo o luto, indicando um desejo de recuperar algo perdido. Uma perda pulsional, perda da libido. Para Freud, a melancolia é como se houvesse um “buraco na esfera psíquica”. Tal analogia de Freud sobre a melancolia como um “buraco na esfera psíquica” é uma metáfora poderosa que destaca a sensação de vazio e desamparo experimentada por aqueles que sofrem dessa condição.

Freud, em sua obra “Luto e Melancolia” de 1917 (originalmente publicada em 1915), destaca a semelhança entre a melancolia e o luto, ambos desencadeados por circunstâncias de vida similares, como perda de algo ou alguém significativo. No entanto, ele também aponta diferenças fundamentais entre os dois estados emocionais. Então o que seria a melancolia e o que seria luto?

Para Freud: “O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal, etc.” (Freud, 1917[1915]/2006, p. 103). Baseando-se nos conceitos de Freud, no luto a pessoa experimenta tristeza e sofrimento após uma perda significativa, mas esses sentimentos são esperados e tendem a diminuir ao longo do tempo. O indivíduo é capaz de se separar emocionalmente do objeto perdido e aceitar sua ausência. Ele pode continuar a se envolver com o mundo ao seu redor e encontrar prazer em atividades e relacionamentos. O luto é um processo adaptativo e saudável de lidar com a perda, e geralmente não interfere significativamente nas atividades diárias ou nas relações interpessoais do indivíduo. No caso da melancolia a pessoa experimenta uma tristeza profunda e persistente, acompanhada de sentimentos de desesperança, autoacusação e autodesvalorização. A melancolia está associada a uma perda real ou simbólica, mas o indivíduo não consegue se separar emocionalmente do objeto perdido. Em vez disso, ele internaliza o objeto perdido e o incorpora à sua identidade. O indivíduo melancólico pode experimentar uma queda na autoestima, sentimento de vazio e um senso de perda de interesse e prazer na vida. Então, uma das

diferenças fundamentais entre a perda no luto e na melancolia, está no fato de que no luto a perda pode ser nomeada.

4 Conclusão

Percebe-se que o paciente não sofreu a castração nessa relação com a mãe, não consegue se desvincular dela permanecendo ligado a ela emocionalmente e materialmente, então permanece nesse lugar, absorvendo o mal-estar, mesmo sendo um lugar desconfortável, mas ao mesmo tempo seguro para ele. O sujeito ao experimentar qualquer tipo de perda é confrontado com a situação de desamparo. Na perda, o sujeito é colocado diante da castração, enfrentando um fator limitante, uma barreira que o impede de seguir adiante. Para a psicanálise o desenvolvimento psíquico se dá por meio da vivência das frustrações e elaborações das perdas. Na psicanálise, o conceito de perda é o ponto central para o entendimento do desenvolvimento psíquico. As perdas, em suas diversas formas, confrontam o indivíduo com a realidade do desamparo e da limitação, forçando-o a lidar com a castração simbólica, termo que, refere-se não apenas à perda literal, mas à renúncia de desejos e à aceitação de limites impostos pela realidade.

Quando um indivíduo enfrenta uma perda, seja ela material, emocional ou simbólica, ele é imediatamente confrontado com a sensação de desamparo. Esse desamparo revela sua vulnerabilidade e sua impotência diante de situações que estão além do seu controle. A experiência de desamparo é essencial no desenvolvimento psíquico, pois força o indivíduo a reconhecer suas limitações e a necessidade de adaptar-se a novas realidades.

A castração, na perspectiva psicanalítica, vai além da ideia física e se refere à aceitação de que não se pode ter tudo, de que há limites impostos pela realidade externa e pela ordem simbólica da sociedade. Essa noção é crucial no desenvolvimento do ego e na formação da identidade. A castração simboliza a renúncia necessária para a convivência social e para o desenvolvimento psíquico saudável. Enfrentar e elaborar a castração é um processo doloroso, mas fundamental para o crescimento emocional.

Elaborar as perdas é um processo que envolve reconhecer a perda, sentir o luto e, eventualmente, encontrar maneiras de seguir em frente. Este processo

não é linear e pode variar significativamente de pessoa para pessoa. A elaboração das perdas permite ao indivíduo integrar a experiência da perda em sua história de vida, transformando a dor e o desamparo iniciais em crescimento e desenvolvimento emocional. Em resumo, a psicanálise entende a perda não apenas como uma experiência negativa, mas como uma oportunidade para o crescimento psíquico. Ao enfrentar e elaborar as frustrações e perdas, o indivíduo desenvolve uma maior capacidade de resiliência e adaptação, essencial para uma vida emocionalmente saudável.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A “**revisão bibliográfica**” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo: Cortez, 2002.

BIRMAN, J. **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. *Jornal de Psicanálise*. 40 (72), 47-62, 2007.

FREUD, S. **Manuscrito G. Melancolia**. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I, pp. 246-253). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Trabalho original publicado em 1895.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, pp. 99-122) . Rio de Janeiro: Imago, (2006). (Trabalho original publicado em 1917[1915]).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. p. 17 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

1 Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Joinville SC.

2 Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Joinville SC.

3 Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Joinville SC.